



Casa/ Cidade/ Migrante

Casa / Ciudad / Migrante

House/ City/ Migrant

Paulo Eduardo Barbosa

*Doutorando e pesquisador do Grupo Museu/Patrimônio da
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, Brasil.
pebarbosa@usp.br*

Resumo

O artigo problematiza a representação da casa em duas pinturas de acervos públicos à luz do conceito de hibridismo cultural como meio para avaliar a contribuição criativa do trânsito de patrimônios simbólicos possibilitado por processos de deslocamento populacional.

Palavras-Chave: Casa. Migrante. Cidade. Hibridismo. Patrimônio.

Resumen

El artículo problematiza la representación de la casa en dos pinturas de colecciones públicas a la luz de los conceptos de hibridación cultural como un medio para evaluar la contribución creativa del tránsito del patrimonio simbólico posible gracias a los procesos de desplazamiento de la población.

Palabras clave: Casa. Migrante. Ciudad. Hibridismo. Patrimonio.

Abstract

The article problematizes the representation of the house in two paintings inserted in public collections by the light of cultural hybridism concepts as means of evaluating the creative contribution in transit of symbolic heritage made possible by processes of population displacement.

Keywords: House. Migrant. City. Hybridism. Heritage.

[...] o tipo de habitação apresenta valor histórico-social superior ao da raça.

(Freyre, 2003, p.36)

Nosso tempo é um tempo marcado por deslocamentos populacionais. Correntes migratórias motivadas por múltiplos fatores marcam nossa época como nenhuma outra. Segundo Rosana Baeninger¹, no Brasil, os padrões migratórios têm sofrido frequentes mudanças, o que permite afirmar que, se no passado, os imigrantes representavam uma mão-de-obra branca, europeia, hoje, com as migrações Sul-Sul, o perfil desses imigrantes mudou, caracterizando um fenômeno com predominância de pessoas “não brancas” como, por exemplo, a mais recente chegada dos indígenas da Venezuela em Roraima. Entretanto, mesmo tendo que deixar para trás suas terras pelas mais diversas razões, essas populações carregam consigo costumes, língua, culinária e modos de vida que irão transformar as novas terras a que se lançaram.

¹ Pesquisadora do Núcleo de Estudos da População “Elza Berquó” (Nepo) da Unicamp.

Casa e diáspora

Correspondendo à chamada pela urgente expansão da consciência sobre as relações na pólis e em busca de propostas capazes de vislumbrar novos caminhos e sopros de esperança, este artigo pretende investigar a *casa* deste migrante, como um dos itens levados às novas terras, a *casa* de sua origem sobreposta à do novo lugar como materialização de processos chamados por Nestor Canclini (2007) de hibridismo cultural. Seja na ocupação do espaço, seja nos costumes de sua utilização, a casa do migrante é quase sempre, entre outras hibridizações, uma adaptação da maneira de morar de sua origem às condições culturais e materiais do local em que se instala e ao olhá-la o que se pretende aqui seria observar processos em escala, sendo a da casa referenciada à da cidade.

A casa é produto de técnicas, aqui compreendidas como na obra de Milton Santos, que a vê como um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e ao mesmo tempo cria espaço. As práticas desses grupos migrantes se ordenariam como coreografias de corpos em fricção com diferentes espaços físicos, sejam estes propiciados por hospedagens emergenciais, alojamentos precários nas metrópoles ou mesmo sólidas edificações destinadas a receber migrantes propiciadas por políticas migratórias de Estado².

A casa, concebida como locus das práticas cotidianas relacionadas à sobrevivência como sono, alimentação, higiene, lazer e sociabilidade, propiciada por meios técnicos e geratriz de vínculos a atender atavismos humanos como permanência, segurança, memória, é aqui observada como manifestação material de um processo de transformação, dado o potencial de representação em escala íntima da mediação entre pessoa e mundo, conferindo diferentes matizes ao olhar propiciado pela disciplina Arquitetura, frequentemente

² Exemplo deste tipo de edificação é o atual Museu da Imigração do Estado de São Paulo, instalado na antiga Hospedaria dos Imigrantes no bairro do Brás, na região central de São Paulo, inaugurado em 1887 para atender à demanda da política de Estado de cooptação de mão-de-obra para a crescente produção cafeeira das fazendas paulistas. A Hospedaria dos Imigrantes, a partir de 1930, passou a receber imigrantes de outros estados, em sua maioria nordestinos, funcionou até 1978 quando recebeu imigrantes coreanos.

pautado pela valorização do excepcional, do raro, do puro, em detrimento à casa como fenômeno ordinário.

A proposta deste artigo é problematizar a casa como testemunho de hibridismo cultural a partir de seus rastros, utilizando como estudo de caso duas imagens produzidas por pintores brasileiros e inseridas na História da Arte em diferentes parâmetros, ambas disponíveis ao público em coleções museais. As pinturas selecionadas para este artigo compõem exposições de longa duração, sendo a do pintor ituano, Almeida Junior, inserida em destaque na mostra *Arte no Brasil: uma história na pinacoteca do estado de São Paulo*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, e a de Tomoo Handa, cujas obras protagonizam nova expografia inaugurada em abril deste ano de 2019, no Museu Histórico da Imigração Japonesa – MHIJ, no bairro da Liberdade, em São Paulo.



Figura 1: *Casa rústica* (1897), óleo sobre tela de autoria de Almeida Júnior, pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Foto do autor

A Casa rústica de Almeida Junior confirma a visualidade do campo a configurar uma historicidade e lugar de valorização da tradição rural paulista, em vias de desaparecimento face ao desenvolvimento proporcionado pela pungente indústria cafeeira. Corresponde, assim, a um horizonte de expectativa que, para além de iconográfico, se funda no ambiente político e social do final do século XIX em São Paulo em que o virtuoso ciclo econômico propicia a eleição de Almeida Júnior como principal responsável pela visualidade da tradição que se esvanece e também de suas personagens. A pintura se inclui na exposição em cartaz na Pinacoteca do Estado confluindo o objetivo de formação de um imaginário visual sobre o Brasil – o conjunto de imagens sobre ele, suas relações e sentidos que produzem. Nesta pintura, as fundações em pedras, os toscos batentes de portas e janelas vazando as empenas de pau-a-pique, o desgastado telhado que se revela por sua sombra curta, escassa, envolta pelo terreno erodido em entorno, sem objetos, sem móveis, inserida numa paisagem que remete aos poucos recursos, à dureza da vida do camponês, Almeida Júnior constrói uma casa que intenta compor sua realização regionalista, chancelando sua caracterização como criador de imaginários³.

³ *Almeida Júnior: um criador de imaginários* é o título da exposição e do texto do catálogo escrito pela Profa. Maria Cecília França Lourenço, comemorativos do centenário da Pinacoteca do Estado de São Paulo.



Figura 2: *Casas de colonos japoneses* (1967), óleo sobre tela de autoria de Tomoo Handa, pertencente ao acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa. Foto do autor.

Casas de colonos japoneses de Tomoo Handa, pintado em 1938, se insere na obra do pintor e imigrante japonês, que também utilizou a literatura como instrumento de investigação sobre a fricção entre a cultura dos imigrantes japoneses e a cultura interiorana. Handa descreveu minuciosamente em seu livro⁴ como era a casa do colono japonês nas lavouras. A casa do imigrante retratada nesta pintura, embora inserida em paisagem rural, guardada a distância de 40 anos em relação à casa rústica de Almeida Júnior, testemunha a mudança da matriz de mão-de-obra da agricultura para aquela composta por homens e mulheres trazidos de outros países por meio da política de Estado. A representação da implantação ordenada das casas, regular, como que seriada,

⁴ *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil* de Tomoo Handa foi editado por T.A. Queiroz pelo Centro de estudos nipo-brasileiros, em 1987.

inserida em paisagem que remete à expansão de fronteira agrícola, impondo a ocupação à mata limítrofe, tendo as palmeiras em primeiro e segundo planos, como rastros deste embate. De maneira discreta e respeitosa, características da obra e da vida de Handa, retrata a transformação implementada pela presença da imigração japonesa na paisagem brasileira. A feição da casa em grupo é fato que supõe o olhar desta cultura que dignifica o objeto sem entronizá-lo, reiterando uma relação diferencial com a paisagem representada.

Como apontado por Maria Cecília França Lourenço:

[...] a cultura nipônica tem outras delicadezas singulares e também encontradas em manifestações quotidianas, como o arranjo interno das casas, que resvala numa espécie de minimalismo, dado o primado da essencialidade e da opção por um mínimo de peças de mobiliário, preferindo-se aquelas transformáveis. (Lourenço, 1998, p. 27)

Há um arremedo de cidade, de princípio de formação urbana, prenunciado na pintura de Handa. Algumas das cidades médias do oeste e do sul do Estado de São Paulo e do norte do Paraná, como Registro, Londrina, Marília, Assis entre outras, tiveram seu embrião em formações de características similares à retratada nesta pintura pertencente ao MHIJ. A cultura do caipira, celebrizada pela iconografia produzida por Almeida Júnior, foi paulatinamente sendo transformada por novas relações e arranjos sociais profundamente modificados pela presença do imigrante.

Em que medida as novas presenças, possibilitadas por recentes fluxos migratórios, modificarão nossas cidades? Os planos diretores e legislações edilícias, instrumentos de regulação da ocupação do espaço das cidades, têm sido concebidos como mediadores de agentes urbanos, frequentemente se revelando pífio escudo público a tentar proteger o direito à cidade em constante tensão imposta pelas forças do capital especulativo, se recusando a reconhecer a potência criativa e de reinvenção oferecida pelos novos agentes que a ela afluem como instância transformadora.

Casa, cidade, migrante

Milton Santos, ao conceituar a cidade contemporânea, aponta a profunda alienação do homem urbano como um processo propiciado por uma contínua perda referencial em tempos de acelerada mobilidade, a gerar demandas por novas relações de pertencimento, fundadas, segundo o autor, em experiências e repertórios exógenos, que considera profícua fonte de possibilidade de renovação e de criação de novas relações na pólis. O autor vê a cidade encontrar seu caminho para o futuro na sua condição de diversidade social que produz heterogeneidade espacial, observando que se de um lado “a cidade grande é onde os fracos podem subsistir” a difusão do capital novo está reservada ao campo. Os pobres na metrópole do terceiro mundo convergem em guetos urbanos que “comparados a outras áreas da cidade, tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior [...]”, são eles que “abrem um debate novo, inédito [...] com as populações e as coisas já presentes” (Santos, 2017, p. 324 [1996]).

A ideia de desterritorialização é inserida pelo autor constatando que a mobilidade torna-se uma regra no final do século passado e afirmando que a circulação é mais criadora que a produção quando tudo passa a mudar de lugar: os homens, as mercadorias, as ideias, os produtos, as imagens. A cidade seria a sede de uma vigorosa alienação, habitada por homens que não a criaram, que não conhecem sua história. Entretanto o homem ainda assim, mora, fixa residência, e é deste modo que os migrantes precisam criar, segundo Santos, uma terceira via de entendimento da cidade, porque para eles a lembrança é inútil, travam um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória.

O processo de integração e de entendimento se dá numa relação nova que o morador estabelece com o espaço da cidade, diz o autor que

[...] se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura; e mudando o homem [...] A força deste movimento vem do fato de que, enquanto a memória é coletiva, o esquecimento e a consequente (re)descoberta são individuais, [...] (Santos, 2017, p.329)

A alienação do homem urbano, atestada na relação fraturada que se estabelece hoje entre a metrópole e seus cidadãos, é também avalizada por Giorgio Agambem que afirma:

[...] quanto mais o cidadão metropolitano perdeu a intimidade com os outros, quanto mais se tornou incapaz de olhar seus semelhantes nos olhos, tanto mais consoladora é a intimidade virtual com o dispositivo, que aprendeu a perscrutar muito profundamente a sua retina; quanto mais perdeu toda identidade e todo pertencimento real [...](Agambem, 2015, p. 85)

A América Latina é no entanto, espaço de embates cujas especificidades tem sido tratadas por outros autores, entre eles, Nestor Canclini que, conceituando o hibridismo cultural, observa interações entre elite e indígenas apontando a desterritorialização como um dos principais processos a possibilitar o que chamou de desarticulação cultural do continente, ressaltando, entretanto, que esta não se trata de uma questão apenas geográfica, mas de transnacionalização dos mercados simbólicos, com ênfase na experiência diaspórica. Aponta também o autor, ao analisar os conflitos interculturais, para o fato de que os países de destino são fortemente influenciados pela produção de bens simbólicos dos imigrantes resultantes de dinâmica produção cultural, vista como elemento de resistência. A capacidade de transformação imposta pelos usos dos espaços da casa tradicional japonesa faz desta um exemplo diferencial daquela ocidental, conquanto os ambientes abrigam usos diversos.

Desnaturalizar a representação da casa, em tempos de profundas transformações determinadas pelos deslocamentos populacionais, poderia contribuir ao enriquecimento do debate iniciado no final do século XX acerca dos custos do hibridismo cultural. Stuart Hall é um dos autores à procura de evidenciar a alternância, na chamada modernidade tardia, entre diferentes posições relativas à proficuidade criativa, ora atribuída ao hibridismo, ao sincretismo e à fusão entre diferentes tradições culturais, ora conferida pela resistência à indeterminação decorrente destas ações.

Poderia a potência transformadora do trânsito de patrimônios simbólicos, possibilitado por processos de deslocamento de populações, ser reconhecida por seu caráter de ampliação das possibilidades criativas e de reinvenção das cidades contemporâneas? Para tanto, instâncias envolvidas no jogo de tensões da produção da cidade e seus instrumentos teriam que ser revistas no sentido de contemplar o espaço do novo, do que está por vir.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Agambem G. A identidade sem pessoa. In: A Nudez. Belo Horizonte: Autêntica; 2015.

Canclini NG. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras; 2007.

Handa T. O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros; 1987.

Lourenço MCF. Almeida Júnior um criador de imaginários. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo; 2007 (catálogo).

_____. São Paulo: visão dos nipo-brasileiros. São Paulo: Museu Lasar Segal/IPHAN/MinC; 1998.

Santos M. A força do lugar. In: A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp; 2017..

Site consultado: www.nepo.unicamp.br [acesso em 14 ago. 2019].